

# Sexualidade e Relações de Gênero 3

Solange Aparecida de Souza Monteiro  
(Organizadora)



**Solange Aparecida de Souza Monteiro**

(Organizadora)

# **Sexualidade e Relações de Gênero**

## **3**

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Executiva: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Geraldo Alves  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

#### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof.ª Dr.ª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
S518	Sexualidade e relações de gênero 3 [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Sexualidade e Relações de Gênero; v. 3)  Formato: PDF Requisito de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-609-6 DOI 10.22533/at.ed.096190609  1. Identidade de gênero. 2. Sexualidade. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Série.  CDD 306.7
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

Talvez você já saiba o que são “relações de gênero”, talvez não. Para começarmos, é importante que saibamos do que estamos falando. A palavra “gênero” tem um uso muito variado. Em ambientes escolares, por exemplo, é comum que professores que trabalham com língua portuguesa falem de diferentes gêneros linguísticos ou textuais. Também falamos de gênero de música que gostamos; e, quando vamos ao cinema, escolhemos o gênero de filme que preferimos (comédia, drama, suspense, terror etc.). Aqui falaremos de outro conceito de gênero, mais especificamente trataremos de relações de gênero. palavra gênero designa as várias possibilidades construídas dentro de uma cultura específica de nos reconhecermos como homens ou mulheres. Assim, ser homem e mulher pode variar sensivelmente dependendo da época, do lugar e ainda dos valores sociais que norteiam as interações dos indivíduos numa dada sociedade. Falamos sempre de relações de gênero porque entendemos que a construção do feminino e do masculino acontece de forma relacionada e interdependente. É isso que vamos discutir. Nesse sentido, pensar como a condição juvenil também se expressa numa perspectiva de gênero, visto que os meninos e as meninas são interpelados a se afirmarem como homens e mulheres ao incorporarem atributos considerados masculinos ou femininos na cultura em que vivem. E isso tem tudo a ver com sexualidade e vivência das experiências sexuais. Papo que interessa muito aos jovens, não é mesmo?!

Em termos de políticas públicas, a partir da primeira década do século XXI, se intensificaram, em diversas áreas, iniciativas que contemplam o olhar dos direitos humanos e sexuais. Diante de tais iniciativas e outras conquistas da atuação do movimento civil, surge o discurso de tolerância e respeito às diversidades sexuais, que ganham cada vez mais visibilidade, em contraponto ao obscurantismo a que estavam submetidas outrora. Assuntos relacionados à sexualidade sempre foram vistos com muita cautela na escola. Desde formalizada sua inserção nesta instituição por meio do currículo, se deu o questionamento sobre os limites do público e do privado no que se refere ao sexo, o que tornou necessária uma série de ajustamentos para que este pudesse ser discutido no ambiente escolar. “As diferentes maneiras de não dizer, como são distribuídos os que podem e os que não podem falar, que tipo de discurso é autorizado ou que formas de discrição é exigida a uns e outros” (FOUCAULT 1976/1999, p. 30) são questões que estão em jogo quando se trata da sexualidade. Não é somente por meio dos conteúdos curriculares formais que a sexualidade permanece na escola, mas está presente em diversas práticas pedagógicas, assim como em vivências de socialização que ocorrem neste espaço. Contextos historicamente construídos e conjunturas sócio-políticas estão imbricadas nas relações, práticas e discursos institucionais em que se tecem relações de poder, configurando um espaço singular no qual estão inseridos alunas e alunos. As maneiras como a escola, a família e a sociedade lidam com determinadas questões

influenciam na construção de queixas escolares que desabrocham como se fossem unicamente do sujeito que a veicula, mas no entanto são reveladoras de determinado contexto social e escolar. Assim, a sexualidade e, indissociadamente a esta, as relações de gênero, estão presentes nas diversas dimensões do cotidiano, e têm interfaces pedagógicas e psíquicas relacionadas à produção de queixas escolares. Nessa perspectiva, o sexo biológico (ou o corpo concreto) é apenas a definição das características corporais primárias e secundárias. Não são negadas as diferenças biológicas entre mulheres e homens, apenas consideram nas uma condição, e não uma limitação aos papéis sociais a serem desempenhados. Logo, gênero é uma categoria relacional, fruto de identificações subjetivas com determinado conjunto de papéis sociais, internalizados durante a vida, com significados de caráter histórico e social. Nessa perspectiva, a sexualidade pode ser compreendida como a expressão de sentimentos, desejos e prazeres, interpelados aos significados intersubjetivos que os sujeitos estabelecem a estes. Já as abordagens essencialistas consideram o sexo biológico como determinante do sujeito, ou seja, acreditam que as características relacionadas ao comportamento feminino/masculino e a sexualidade são definidas pelo sexo anatômico e combinam-se com este de maneira imutável. Uma compreensão essencialista do sexo “procura explicar os indivíduos como produtos automáticos de impulsos internos” (WEEKS, 1999, p. 40). Nessa perspectiva, o sujeito que não cumpre o que é suposto determinado biologicamente, é, então, compreendido como desviante ao que seria natural. Das práticas pedagógicas curriculares, observa-se que normalmente a discussão acerca da sexualidade na escola se restringe a aulas específicas, de biologia ou educação sexual, e é abordada de maneira essencialista, focalizando a anatomia dos corpos de mulheres e homens. A prevenção de doenças sexualmente transmissíveis nas práticas heterossexuais e a reprodução humana são os principais temas, frequentemente ignorando outras dimensões da sexualidade, como o desejo e o prazer. Geralmente cinde-se a sexualidade dos aspectos práticos da vida e adequa-se a linguagem, conferindo à abordagem um formato cientificista.

Do mesmo modo, as diversas formas de expressar feminilidades e masculinidades precisam ser reconhecidas. A escola pode ser um dos lugares de alternativa ao modelo tradicional das relações de gênero, construindo e legitimando diversas possibilidades de vivência de gênero já desde a Educação Infantil, e assim contribuir para a promoção da liberdade e da diversidade nos âmbitos sexuais e de gênero, tanto no que se refere ao desenvolvimento individual quanto à formação para criticidade e transformação social. Demarcações de gênero não ocorrem somente na escola, mas também em outros espaços, como exemplo, na clínica, em que o psicólogo normalmente é tendencioso nas escolhas de brinquedos e materiais levados às sessões. Em tais circunstâncias, o profissional precisa estar atento aos limites do que está produzindo: um espaço de acolhimento, na tentativa de produzir um ambiente confortável à criança atendida que provavelmente já internalizou determinadas exigências de gênero do meio; e/ou uma situação que acaba operando

como coerção/ajustamento de gênero. As representações das relações de gênero e da sexualidade em nossa cultura interceptam a escola enquanto instituição, constituindo uma significação característica sobre gênero e sexualidade no contexto institucional escolar. Assim, a escola tem uma história com o controle dos corpos e a sexualidade que precisa ser levada em conta em suas interfaces sociais e políticas, para a análise no que tange as queixas escolares. A aluna e o aluno também têm uma história escolar, produzida na intercepção com os diversos funcionamentos institucionais. Ainda, ocupam lugares específicos e tecem relações singulares que se estabelecem no contexto da queixa em questão, produzindo situações únicas. A queixa escolar emerge, então, em determinado contexto, e é possível que haja uma dimensão no âmbito da sexualidade e do gênero a ser compreendida. Assim, ao compreender as dimensões individuais, sociais e políticas da queixa, o psicólogo pode atuar no sentido de fortalecer as potencialidades do indivíduo e de sua rede de relações frente às situações adversas. Além disso, a clínica pode ser um lugar de acolhimento para a dor do preconceito e expressividade de identidades marginalizadas em outros espaços. Na instituição escolar, é importante e imprescindível que os profissionais da educação contribuam na discussão sobre homofobia e sexismo, preconceitos que, mesmo em suas manifestações mais sutis, têm sido relevantes nas histórias escolares de diversas crianças e jovens.

Solange Aparecida de Souza Monteiro

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
SABERES E DILEMAS SOBRE SEXO E SEXUALIDADE NA FORMAÇÃO DOCENTE	
<i>Solange Aparecida de Souza Monteiro</i>	
<i>Paulo Rennes Marçal Ribeiro</i>	
<i>Valquíria Nicola Bandeira</i>	
<i>Carlos Simão Coury Corrêa</i>	
<i>Andreza de Souza Fernandes</i>	
<i>Isabel Cristina Correa Cruz</i>	
<i>Fernando Sabchuk Moreira</i>	
<i>Ana Paula Sabchuk Fernandes</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0961906091</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>14</b>
A CONTRIBUIÇÃO DAS METODOLOGIAS ATIVAS PARA FORTALECER O DIÁLOGO COM OS ADOLESCENTES SOBRE A SEXUALIDADE	
<i>Betânia Maria de Oliveira Amorim</i>	
<i>Luiza Maria Alfredo</i>	
<i>Maria Renally Braga dos Santos</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0961906092</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>26</b>
“AQUELA FOTO EM QUE ESTOU DE DOUTORA”: MEMÓRIAS DE MULHERES SOBRE INFÂNCIA E ESCOLARIZAÇÃO NO MARANHÃO NAS DÉCADAS DE 1950/1960	
<i>Tatiane da Silva Sales</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0961906093</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>37</b>
A BRANQUITUDE COMO PRIVILÉGIO NOS MOVIMENTOS FEMINISTAS! O LUGAR DA MULHER BRANCA NA LUTA POR IGUALDADES RACIAIS E DE GÊNERO	
<i>Rafaela Mezzomo</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0961906094</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>48</b>
A INSTAURAÇÃO CÊNICA “CORPO LIVRE”	
<i>Tiago Herculano da Silva</i>	
<i>Nara Graça Salles</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0961906095</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>60</b>
A PARTICIPAÇÃO DE MULHERES EM CRIMES CONTRA O PATRIMÔNIO: ANÁLISE DE PROCESSOS CRIMINAIS	
<i>Valdemir Paiva</i>	
<i>Claudia Priori</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0961906096</b>	

**CAPÍTULO 7 ..... 70**

A PESSOA TRAVESTI E A/O PROFISSIONAL DE ENFERMAGEM: PERCEPÇÃO DE HUMANIZAÇÃO E DO RESPEITO À EXPRESSÃO E IDENTIDADE DE GÊNERO

*Carle Porcino*  
*Cleuma Sueli Santos Suto*  
*Dejeane de Oliveira Silva*  
*José Andrade Almeida Junior*  
*Maria Thereza Ávila Dantas Coelho*  
*Jeane Freitas de Oliveira*

**DOI 10.22533/at.ed.0961906097**

**CAPÍTULO 8 ..... 85**

A PRÁTICA RECREATIVA DO *MOUNTAIN BIKE* NO INTERIOR DE MINAS GERAIS: LAZER, NATUREZA E DOMÍNIO DOS HOMENS

*Fabiana Duarte e Silva*  
*Francielle Pereira Santos*  
*Ludmila Nunes Mourão*  
*Marília Martins Bandeira*

**DOI 10.22533/at.ed.0961906098**

**CAPÍTULO 9 ..... 95**

A SAÚDE DO HOMEM NA PERSPECTIVA DA SEXUALIDADE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

*Alana Maiara Brito Bibiano*  
*Janaína Paula Calheiros Pereira Sobral*  
*Marília Martina Guanaany de Oliveira Tenório*  
*Nívia Madja dos Santos*  
*Roberto Firpo de Almeida Filho*  
*Taíse Gama dos Santos*

**DOI 10.22533/at.ed.0961906099**

**CAPÍTULO 10 ..... 102**

AÇÕES DE PROMOÇÃO À SAÚDE DE UMA EQUIPE INTERDISCIPLINAR EM UM GRUPO DE HOMENS: O DESPERTAR PARA O AUTOCUIDADO

*Marília Martina Guanaany de Oliveira Tenório*  
*Alana Maiara Brito Bibiano*  
*Janaína Paula Calheiros Pereira Sobral*  
*Roberto Firpo de Almeida Filho*  
*Taíse Gama dos Santos*

**DOI 10.22533/at.ed.09619060910**

**CAPÍTULO 11 ..... 107**

NA FRONTEIRA ENTRE A FEMINILIDADE E A MASCULINIDADE: MULHERES E AS TENSÕES DOS PADRÕES DE GÊNERO NA FÍSICA

*Kariane Camargo Svarcz*

**DOI 10.22533/at.ed.09619060911**

**CAPÍTULO 12 ..... 119**

ECONOMIA SOLIDÁRIA: ECONOMIA DE MULHER?

*Maria Izabel Machado*

**DOI 10.22533/at.ed.09619060912**

<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>135</b>
EDUCAÇÃO E CINEMA: DEBATES SOBRE SUJEITOS SOCIAIS, FEMINISMOS E CONSTRUÇÃO DE MASCULINIDADES	
<i>Lucas Leal</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.09619060913</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>152</b>
E AGORA EDUCADOR/A? O WILLIAM PEGOU MINHA BONECA PARA BRINCAR!	
<i>Guilherme de Souza Vieira Alves</i> <i>Marcia Cristina Argenti Perez</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.09619060914</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>162</b>
ENTRE A ESCRAVIDÃO SEXUAL E O ESTUPRO: UMA ANÁLISE DA PROSTITUIÇÃO COMO INSTRUMENTO DA DOMINAÇÃO MASCULINA	
<i>Caroline dos Santos Coelho</i> <i>Alessandra Benedito</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.09619060915</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>171</b>
ESCOLA SEM PARTIDO E EDUCAÇÃO SEM CRITICIDADE: A QUEM SERVE?	
<i>Lana Cláudia Macedo da Silva</i> <i>Ana de Luanda Borges Braz da Silva</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.09619060916</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>178</b>
ESCRITAS DE SI E POLÍTICAS DE AGÊNCIA: ARTEVISMOS POÉTICOS DE MULHERES NEGRAS	
<i>Anni de Novais Carneiro</i> <i>Laila Andresa Cavalcante Rosa</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.09619060917</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>185</b>
EXPOSTAS À VIOLÊNCIA POR SEREM MULHERES E AMAREM DEMAIS	
<i>Paula Land Curi</i> <i>Jaqueline de Azevedo Fernandes Martins</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.09619060918</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>194</b>
EXPERIÊNCIAS DE CUIDADO VIVIDAS POR MULHERES ACOMPANHANTES DE DOENTES ONCOLÓGICOS	
<i>Eduardo da Silva</i> <i>Marlene Tamanini</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.09619060919</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>206</b>
FEMINILIDADE E CÂNCER DE MAMA: O QUE PODE A MULHER?	
<i>Aline Barrada de Assis</i> <i>Fabírcia Rodrigues Amorim Aride</i>	

DOI 10.22533/at.ed.09619060920

**CAPÍTULO 21 ..... 219**

GÊNERO E PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO NA ÁREA DE SERVIÇO SOCIAL

*Ângela Kaline da Silva Santos*

*Bernadete de Lourdes Figueiredo de Almeida*

*Lucicleide Cândido dos Santos*

DOI 10.22533/at.ed.09619060921

**CAPÍTULO 22 ..... 230**

NEGAÇÃO AO ACESSO AO ABORTO: PODER E VIOLÊNCIAS

*Ivana Maria Fortunato de Barros*

*Paula Land Curi*

*Jaqueline de Azevedo Fernandes Martins*

DOI 10.22533/at.ed.09619060922

**CAPÍTULO 23 ..... 242**

PRÁTICAS EDUCATIVAS FEMINISTAS COMO SUBSÍDIO AO ENFRENTAMENTO À CULTURA DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

*Ângela Maria Simão Ribeiro*

DOI 10.22533/at.ed.09619060923

**CAPÍTULO 24 ..... 252**

RELAÇÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: PERCEPÇÕES DE ESTAGIÁRIOS (AS) DO CURSO DE PEDAGOGIA

*Jussara Silva da Costa*

*Polena Valesca de Machado e Silva*

DOI 10.22533/at.ed.09619060924

**CAPÍTULO 25 ..... 264**

DISCUSSÕES ACERCA DO DISCURSO MIDIÁTICO CONTEMPORÂNEO: A FABRICAÇÃO DO CORPO MAGRO NA REVISTA ANAMARIA

*Suélem do Sacramento Costa de Moraes*

*Bárbara Hees Garré*

DOI 10.22533/at.ed.09619060925

**CAPÍTULO 26 ..... 271**

SEXUALIDADE E ESCOLA: O DESENVOLVIMENTO DA SEXUALIDADE INFANTIL A PARTIR DA PSICANÁLISE

*Jaqueline Tubin Fieira*

*Franciele Lorenzi*

*Giseli Monteiro Gagliotto*

DOI 10.22533/at.ed.09619060926

**CAPÍTULO 27 ..... 283**

NEM CAPRICHOS, NEM BELEZA: REFLEXÕES SOBRE ARTE E VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

*Francielen Leandro Apolinário*

*Evelly Paat Sampaio da Silva*

*Elisângela Martins*

DOI 10.22533/at.ed.09619060927

**CAPÍTULO 28 ..... 291**

PERCEPÇÕES DE ESTUDANTES DA EJA SOBRE O AUMENTO DA INFECÇÃO DO VÍRUS HIV

*Evaldo Batista Mariano Júnior*

*Maria Aparecida Algusto Satto Vilela*

*Valeska Guimarães Rezende da Cunha*

DOI 10.22533/at.ed.09619060928

**CAPÍTULO 29 ..... 311**

UM BREVE PERCURSO SOBRE A POSIÇÃO SOCIAL DA MULHER

*Libna Pires Gomes*

*Paula Land Curi*

*Ivana Maria Fortunato de Barros*

DOI 10.22533/at.ed.09619060929

**CAPÍTULO 30 ..... 321**

SUBJETIVIDADE LÉSBICA: A SUTILEZA LEGITIMADA PELO SILÊNCIO SOCIAL

*Mariluce Vieira Chaves*

DOI 10.22533/at.ed.09619060930

**CAPÍTULO 31 ..... 331**

VAMOS COMBINAR? ADOLESCÊNCIA, JUVENTUDE E DIREITOS SEXUAIS E REPRODUTIVOS – UMA EXPERIÊNCIA EM MANAUS

*Daniel Cerdeira de Souza*

*Tirza Almeida da Silva*

*Sônia Maria Lemos*

*Eduardo Jorge Sant'Ana Honorato*

DOI 10.22533/at.ed.09619060931

**CAPÍTULO 32 ..... 336**

A EDUCAÇÃO SEXUAL NO CONTEXTO BRASILEIRO, EM PAÍSES EUROPEUS, ASIÁTICOS E LATINO - AMERICANOS

*Solange Aparecida de Souza Monteiro*

*Paulo Rennes Marçal Ribeiro*

*Valquiria Nicola Bandeira*

*Carlos Simão Coury Corrêa*

*Andreza de Souza Fernandes*

*Carlos Simão Coury Corrêa*

*Isabel Cristina Correia Cruz*

*Fernando Sabchuk Moreira*

*Ana Paula Sabchuk*

DOI 10.22533/at.ed.09619060932

**CAPÍTULO 33 ..... 348**

VELHICE E SEXUALIDADE: UM ESTUDO SOBRE A SÉRIE “GRACE AND FRANKIE”

*Fabíola Calazans*

*Vanessa Santos de Freitas*

DOI 10.22533/at.ed.09619060933

<b>CAPÍTULO 34</b> .....	<b>360</b>
O MASCULINO E O FEMININO: DOS CONCEITOS FILOSÓFICOS AO CAPITALISMO FALOCÊNTRICO	
<i>Fabiana Nogueira Chaves</i>	
<i>Maurício Pimentel Homem de Bittencourt</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.09619060934</b>	
<b>CAPÍTULO 35</b> .....	<b>370</b>
GÊNERO E DIAGNÓSTICO EM SAÚDE MENTAL: QUE RELAÇÃO É ESSA?	
<i>Muriel Closs Boeff</i>	
<i>Tatiana Souza De Camargo</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.09619060935</b>	
<b>CAPÍTULO 36</b> .....	<b>376</b>
LILITH E EVA: AS DUAS MULHERES ANTAGONICAS NO SISTEMA RELIGIOSO	
<i>Bruno Schwabenland Ramos</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.09619060936</b>	
<b>CAPÍTULO 37</b> .....	<b>387</b>
O CORPO DO BRASIL NO JOGO DA VIDA	
<i>Lucia Maria Felipe Alves</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.09619060937</b>	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>401</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>402</b>

## A INSTAURAÇÃO CÊNICA “CORPO LIVRE”

### **Tiago Herculano da Silva**

Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Natal – Rio Grande do Norte

### **Nara Graça Salles**

Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Natal – Rio Grande do Norte

**RESUMO:** Partindo do estudo da instauração cênica “Corpo Livre”, do CRUOR Arte Contemporânea, coligação de prática da cena do Núcleo de Pesquisas em Artes Cênicas e Espetaculares da UFRN; a seguinte pesquisa tem como proposta levantar indagações sobre o uso do corpo nu na arte quando este é tratado como ofensivo pela sociedade. O artista é bombardeado por padrões sociais constantemente que buscam determinar o que o corpo, objeto de criação artística, pode ou não fazer. A nudez, por exemplo, é cercada pelas normas que a tratam como ofensiva, proibindo-a e criminalizando-a. Na cidade de Natal, Rio Grande do Norte, uma bailarina que realizou uma apresentação estando nua no teatro e sua nudez foi tratada como ofensiva resultando em sua expulsão do teatro. Esse ato de opressão mobilizou a coligação artística Cruor Arte Contemporânea dando origem a instauração cênica “Corpo Livre”, que propõe levantar questionamentos sobre a opressão social perante o corpo nu na arte. Porém a obra em

questão realizou uma apresentação na frente da biblioteca Zila Mamede, na UFRN, em um congresso de antropologia e esta apresentação resultou em um processo administrativo. Por meio da análise dessa obra e do processo, buscamos entender e defender a ideia de que espaços públicos da universidade podem apresentar espetáculos com nudez com uma finalidade cultural de acordo com sua proposta de criação, isto faz com que o desnudamento apresentado não seja algo desnecessário ou algo criado para afrontar a ordem e moral pública.

**PALAVRAS-CHAVES:** Corpo; Nudez; Arte.

### THE SCENIC INSTAURATION “FREE BODY”

**ABSTRACT:** Starting from the study of the scenic instauration “Free Body”, from CRUOR Contemporary Art, a practice coalition of the scene of the Nucleus of Research in Scenic and Spectacular Arts of UFRN; the following research aims to raise questions about the use of the naked body in art when it is treated as offensive by society. The artist is bombarded by social standards constantly seeking to determine what the body, the object of artistic creation, can or can not do. Nudity, for example, is surrounded by rules that treat it as offensive, prohibiting it and criminalizing it. In the city of Natal, Rio Grande do Norte, a dancer who

performed a presentation being naked in the theater and her nudity was treated as offensive resulting in her expulsion from the theater. This act of oppression mobilized the Cruor Contemporary Art artistic coalition giving rise to the scenic instauration “Free Body”, which proposes to raise questions about social oppression before the naked body in art. But the work in question made a presentation in front of the library Zila Mamede, in the UFRN, at an anthropology congress and this presentation resulted in an administrative process. Through the analysis of this work and the process, we seek to understand and defend the idea that public spaces of the university can present nudity shows with a cultural purpose according to their proposal of creation, this makes the presented denudation not something unnecessary or something created to confront public order and morals.

**KEYWORDS:** Body; Nudity; Art.

## 1 | INTRODUÇÃO

O corpo de uma pessoa que trabalha na cena precisa estar sempre em processo de treinamento. Esse treinamento ajuda o atuante a lidar melhor com as dores, com as suas limitações e com os impulsos vitais de seu corpo em processos psicofísicos; ajudando-o a alcançar um fim desejado.

O treinamento ajuda o artista a utilizar de técnicas corporais para obter maior controle sobre seu corpo. Essas técnicas não apenas caracterizam um corpo como atlético e esportivo, elas também estão intrínsecas nos hábitos e comportamento que caracterizam singularmente cada indivíduo. Tudo que fazemos exige uma técnica – caminhar, correr, se alimentar, falar – são essas técnicas do corpo que nos ajudam a estar em contato com o mundo (MAUSS, 2003). E um corpo treinado pode ser capaz de realizar uma ação cênica sem bloqueios originados tanto pelas condições físicas quanto pelas influências das percepções sociais.

As condições físicas correspondem ao estado em que o corpo se encontra, seu sedentarismo, suas dores e cansaços, enquanto os bloqueios originados pelas percepções sociais estão voltados para os padrões normalizadores da sociedade em que ele está inserido. Esses padrões podem colocá-lo como sujeito ao julgamento das aparências ou dizer aquilo que ele pode ou não pode fazer, como, não poder ficar nu.

O artista é bombardeado por esses padrões constantemente e o movimento verdadeiramente expressivo só é construído por meio da pesquisa que desprende do corpo possíveis entraves tornando-o um *corpo livre*. Um corpo livre seria entendido por um corpo desprendido dessas amarras sociais e físicas. Um corpo expressivo; um corpo extracotidiano; um corpo poético e totalmente ao dispor da cena sem qualquer tipo de entraves.

A nudez em cena, por exemplo, pode provocar no atuante vários bloqueios que não permitem seu corpo executar tal ação. Bloqueios que não permitem deixar

seu corpo livre. Tanto bloqueios pessoais, construídos ao longo de sua vida e de suas percepções sobre seu e outros corpos, quanto os entraves oriundos de outras formas perceptivas como aquelas provocadas pelas normas que visam a proibição do desnudamento ou aquelas que associam aquele corpo a sexualidade.

O histórico físico de cada pessoa é construído ao longo de sua vida, ao longo de sua vivência onde quer que ele esteja ou vá. Uma pessoa pode assim, por exemplo, nascer em um meio familiar bastante opressor e criar problemas consigo mesmo que refletiriam tanto em sua vida cotidiana quanto em cena, enquanto outra pessoa pode ser criada em meios, digamos, “mais liberais” não apresentando os mesmos problemas. Existe uma gama singular de casos que envolvem corpo e como as pessoas lidam com ele, mas os fatores de ordem social – no caso os padrões normalizadores – afetam a todos independente de qual meio tenham sido criados, porém, ainda assim, eles vão influenciar em graus diferentes conforme o histórico físico construído por cada indivíduo.

A maneira como o indivíduo percebe seu corpo ou outros corpos muitas vezes está associada a uma sociedade que apresenta uma sexualidade exacerbada e que prega uma cultura da vergonha do corpo sobretudo daqueles que estão fora dos padrões ditados pelas academias. É possível ainda perceber em cursos de teatro ou dança uma maior preocupação em aparentar-se bonito na atividade do que executá-la de forma proveitosa. A quebra com esse senso de “aparência” no teatro, talvez, seja um dos primeiros desafios corporais do atuante. Quebrar com essa cultura da vergonha que prega sempre a beleza e a aparência.

Um corpo nu está sujeito a esse julgamento visual de ter que se aparentar belo, porém o desnudamento sofre com outros julgamentos, digamos que, mais difíceis de serem quebrados. O pensar em um julgamento visual é um bloqueio que o ator precisa quebrar para uma atuação pela nudez. Já o julgamento e associações feitas pelas normas sociais devem ser ressignificados tanto para o atuante quanto para os espectadores. Esses segundos são mais complicados e difíceis de serem “quebrados” por envolverem diversos fatores que estão fora do controle do ator.

Não é apenas rever o sendo de vergonha em se expor, mas tentar entender como a sociedade percebe o desnudamento e como receberá aquela imagem nua estando preparado para possíveis reações diversas sobre aquele ato de nudez.

## 2 | “CORPO LIVRE”

A atriz/bailarina Ana Carolina Vieira realizou uma apresentação com caráter de nudez intitulada de “Não conte detalhes” de autoria de João Alexandre Lima, no dia 27/04/2012 em comemoração ao dia internacional da dança na cidade de Natal, Rio Grande do Norte. A falta de uma censura perante a apresentação, que ocorreu na frente de crianças causando um grande incomodo aos pais e representantes do teatro, causou toda uma problemática perante a nudez da obra. Sua apresentação

foi vista como um nu desnecessário. Sendo até associado a algo errado, impróprio e imoral.

O fato foi agravado devido a bailarina sempre ter ensaiado vestida e ter vendido os ingressos para o evento aos seus alunos, crianças, e não ter informado ao teatro sobre o uso da nudez. Somente quando ela entrou em cena que foi percebido o desnudamento. Havendo, assim, uma clara rejeição do teatro e dos pais perante a obra, além de sua associação a um afrontamento pelo uso da nudez.

O resultado foi que a atriz foi afastada do Teatro Alberto Maranhão, não podendo mais fazer parte dele e nem apresentar essa encenação, além da exoneração dela da escola de dança onde ela ministrava aulas para crianças e adolescentes. Esse afastamento foi a pedido dos pais que não queriam suas filhas tendo aula com a bailarina.

Por mais que o meio teatral, da dança, artes visuais ou até os meios acadêmicos se considerem mais abertos as experimentações ou propostas, a nudez, por exemplo, será algo que os “afrontam”. Em muitos momentos o objetivo da encenação nem é afrontar esses meios de pesquisa, mas termina que as pessoas desses locais se sentem afrontados e ofendidos pela imagem daquele corpo nu.

Paradoxalmente os meios artísticos cultuam uma escultura nua ao longo da História da Arte. A escultura parece parada no tempo e no espaço, imóvel, carregando nas costas todas as ditas belezas que a classificam como “clássica” ou “perfeita”. A escultura permanece contemplada e adorada como *isso é arte*. Podendo ser movida de ambientes e usada para simbolizar uma época que não retornará nunca.

Um corpo vivo e pulsante nu não carrega nas costas as belezas classificadoras do *clássico* ou do *isso é arte*. É um corpo vivo em cena que pode representar uma determinada época, mas ainda vai provocar no espectador um novo questionamento dos padrões sociais que ele segue como construção de sua identidade coletiva. Padrões que envolvem a materialização do corpo até o controle de seus hábitos e vestimentas.

Para Freire:

O nu numa escultura não choca nem enrubesce. Porque uma escultura ou uma estátua não passam de um corpo inerte, sem desejo, nem pulção, sem fendas nem carne, é talhado para fixar a morte. O mesmo, no entanto, não ocorre com a expressão do nu experimentado nas artes vivas, a dança, o teatro, etc.. Assim como o corpo é mais corpo quando se movimenta, a nudez é mais ela própria quando abre-se e fecha-se em seus detalhes, músculos, cicatrizes. É este tipo de nudez pulsante que atinge, de maneira ambígua, à sociedade, ocasionando desde êxtases estéticos à pânico morais de repúdio e censura (FREIRE, 2013, s/p).

A escultura nua não é mais ou menos arte que um corpo nu posto em cena ou vice-versa. São elementos necessários na arte como um todo. São elementos que podem nos fornecer conhecimentos sobre épocas e sobre comportamentos. Que podem nos ajudar a entender melhor o mecanismo social do qual fazemos parte.

Não é justificar a nudez, mas buscar entender o porquê dessa nudez artística ser tão castigada. A nudez, por exemplo, da propaganda de cerveja, de carro... por que essa nudez não perturba?

Na busca por possíveis respostas, retornamos ao caso da atriz citado anteriormente, as pessoas do teatro se sentiram ofendidas com a exposição daquele corpo nu em cena. Isso acontece devido sermos bombardeados pela normatização social em que não podemos ficar nu, mesmo com toda a mídia televisiva e propagandas explorarem o corpo nu e seminú.

Os processos sociais de normatização têm como função disciplinar os sujeitos para a reprodução da ordem social. Um corpo nu pode se apresentar como uma quebra dessa ordem social e, muitas vezes, termina sendo visto como algo indecente e/ou como uma afronta. Por isso, é tratado como algo ofensivo, punitivo e proibido inclusive por determinação de uma lei federal o nu frontal público em qualquer situação está sujeito a punição, como *previsto no art. 233, do Código Penal Brasileiro*.

A lei é usada como forma de justificar que aquela nudez não deve estar exposta. Muito dessa proibição ocorre quando o desnudamento é associado pelos espectadores como algo sexual. Os agentes policiais não são educados a entenderem esse tipo acontecimento artístico, assim como a maior parte da população. As associações são tão automatizadas que, em alguns casos, as pessoas não querem entender o que está acontecendo ali. Preferem não permitir que aconteça, justificando-se, com base na lei, e partem para uma opressão perante a obra e os artistas envolvidos.

Entendemos aqui que a arte pode ser um caminho pelo qual podemos estudar e mudar, mesmo que pouco essa visão que a sociedade constrói da nudez. Um exemplo disso foi quando o Cruor Arte Contemporânea criou a instauração “Corpo livre” em decorrência da atriz citada anteriormente que perdeu seu trabalho porque se apresentou no palco nua em sua coreografia.

O Cruor Arte Contemporânea é uma coligação de prática da cena do Núcleo Transdisciplinar de Pesquisas em Artes Cênicas e Espetaculares da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, coordenado pela professora doutora Nara Salles, que abraçou a causa da atriz/bailarina Ana Carolina resultando na criação da instauração cênica “Corpo Livre”.

A obra foi uma resposta para com o teatro que proibiu e afastou a atriz por ter dançado nua e foi apresentado pela primeira vez no largo em frente ao teatro. Depois foram realizadas apresentações em outros locais.

Salles faz uma descrição de como é a obra:

“Corpo Livre”, esta instauração cênica urbana consiste em convidar artistas da cidade para que, em determinado local e hora, dancem ou executem uma partitura de três minutos, tendo o corpo nu pintado com pasta d’água. Esta se desenvolve da seguinte maneira: o grupo sai em cortejo, acompanhado por músicos e musicistas, ainda com roupas, de determinado local da cidade e vão a um ponto onde houve algum tipo de repressão ao corpo; quando chegam, sentam-se e formam uma mandala, e aqueles que têm o corpo nu pintado de branco, entram na mandala,

tiram suas roupas e executam a partitura de três minutos; logo após, colocam as roupas e vão embora da mesma forma que chegaram: em cortejo (SALLES, 2013, p. 79).

Quando a arte se propõe em ir a um local “onde houve algum tipo de repressão ao corpo”, ela termina por levantar aquele questionamento naquele local buscando desconstruir conceitos arregrados ali e ressignificar aquilo que é pertinente. A luta contra a opressão, nesse caso falamos sobre a repressão ao corpo, é um caminho que a arte está disposta a percorrer e sabe que pode conseguir resultados significativos. Portanto, a obra “Corpo livre” não foi uma nudez desnecessária, como muitos podem afirmar, mas uma luta contra meios de opressão social.

O Cruor Arte Contemporânea busca em suas obras a desmistificação de conceitos opressores e a recolocação da arte como mecanismo que visa uma melhoria social onde é apresentada, todas as obras do Cruor Arte Contemporânea tem um forte cunho social e político. Nenhum espectador sai ileso ao assistir uma obra como “Corpo Livre”, questionamentos são levantados durante e depois por essas pessoas que se vêem perante suas ideologias podendo repensá-las. É por meio dessa provocação de *repensar sobre o corpo* que o artista e o espectador podem juntos perceber a arte de outras maneiras, com um outro olhar, assim como a possibilidade aberta de perceberem o nu em cena pelo viés poético.

O corpo nu na instauração “Corpo livre” foi construído com caráter ritualístico (SALLES, 2013), ou seja, como uma quebra do tempo e do espaço lógico para buscar uma ligação com o sagrado. Esse sagrado permite ao atuante se desprender de tudo que é terreno – incluímos aqui a vergonha, os padrões sociais, os bloqueios de aparência que citamos acima – para se conectar consigo mesmo de forma ancestral e poética.

O entendimento que na arte o corpo nu se coloca em um lugar anterior à dita civilização, portanto mais próximo da natureza, nos forneceria um encontro com uma ancestralidade percebida durante a nudez por aqueles artistas que a realizam. Local onde o índio, o ancestral brasileiro, entende o corpo próximo a natureza de forma que ambos coexistem. A roupa, a vestimenta são uma invenção humana imposta pela sociedade civilizada. Esta sociedade está distante desse ancestral e a nudez pode ser um meio de se reconectar a essa ancestralidade.

O nu percebido pelo viés ritualístico está sempre nessa perspectiva de retorno ancestral e por meio deste a quebra daquilo que prende o ser humano no que conhecemos hoje como sociedade moderna, ou seja, as normas sociais. Mas existem diversas formas diferentes de ver a nudez, outra bastante comum é a perspectiva liberatória.

A sensação de libertação sentida por quem faz uma cena de nudez é resultado do desprendimento de toda a norma social que proíbe o desnudamento. A atriz Keila Campanelli, que participou da instauração cênica “Corpo Livre” aponta que “o despir

não poderia ser somente das roupas, havia algo que inconscientemente dentro de mim me dizia que a roupa era por si só um elemento visual forte e que acompanhado dela uma esfera maior se abria uma vez que essa barreira era rompida” (SILVA, 2017, p. 7). A atriz aponta o rompimento da barreira construída socialmente que proíbe a nudez artística. Um despir não apenas das roupas, mas das ideias retrógradas que são impostas a todo ser humano pelos processos civilizatórios.

Ela complementa afirmando que “o meu despir era o meu ato de reafirmação da minha liberdade como um resgate a minha natureza e o meu livre arbítrio de escolha” (SILVA, 2017, p. 7). É a partir do rompimento com as normas sociais opressoras que o atuante sente essa sensação de libertação. O corpo nu passa a ser entendido como uma *nudez libertaria*.

O espectador pode sentir essas sensações pela obra, mas terá que lutar contra os padrões que fazem parte de sua vivência para senti-la. Já o artista que está em cena, também realiza essa batalha, entretanto pode apresentar uma maior disponibilidade para a luta por buscar sempre o fato de se questionar, por levantar e rever suas questões e posicionamentos. O corpo nu é um caminho pelo qual as pessoas, artistas ou espectadores, vão de encontro com os seus enfrentamentos. São pelas vivências que o corpo cria seus signos e significados.

A instauração “Corpo livre” também enfrentou obstáculos ao longo de suas apresentações e, talvez, o maior deles tenha sido o processo administrativo sofrido pela professora e criadora da instauração cênica. Houve uma apresentação, a convite do congresso de Antropologia, dentro da UFRN na frente da biblioteca Zila Mamede que resultou em um processo administrativo.

Freire aborda sobre a repercussão dessa apresentação:

No caso da apresentação no CCHLA, muitos ao tomarem conhecimento por meio da imprensa apontaram o dedo acusador e desferiram comentários desqualificadores contra o grupo Cruor e a sua expressão criativa do nu. Como verdadeiros censores do “bom gosto”, aqueles afirmaram, uns mais categoricamente e outros com mais timidez, que aquilo ali não se tratava de “arte”. Aliás, frisemos, o que seria das vanguardas artísticas se não houvessem os conservadores e sua pretensão de ditar “limites” e “convenções” à expressão estética, não é? (FREIRE, 2013, s/p).

Obras que questionam algo ou colocam algo em atrito para gerar indagações, como o corpo questionado na obra do Cruor, sempre repercutem naqueles que tem contato com a obra e terminam proferindo seus discursos moldados na ideia de classificá-la como *é arte* ou *não é arte*.

Assim como apontado anteriormente, a escultura nua não é menos artística que um corpo vivo nu. Porém a escultura se apresenta na esfera das artes consideradas como clássicas enquanto o corpo vivo está dentro do universo da arte contemporânea.

A arte clássica se molda na ideia de contemplação do belo, já a arte contemporânea, bastante incompreensiva por muitos, rompe com o contemplativo e

provoca fricção ao misturar elementos diversos e provocar questionamentos retirando o espectador e o artista de suas zonas de conforto e segurança.

A ideia que se tem da arte em boa parte da nossa sociedade contemporânea ainda é aquela ligada diretamente ao entretenimento. A arte existe para divertir ou como um passa tempo do qual a função é *esquecer dos problemas* por aquele breve momento. Sem falar que muitos ainda a veem como um momento para relaxar desconectando um pouco da dura realidade social. Em todos esses casos, a arte não é vista como meio de se questionar algo e sim como um momento lúdico ou um momento para extravasar sem parar para refletir sobre algo.

Porém, os artistas, de forma geral, entendem que a arte tanto pode entreter quanto pode levantar indagações para refletir ou criticar situações da vida que precisam ser revistas de alguma forma. A arte que entrete também pode colocar o espectador frente a situações que o forcem a questionar sobre o assunto abordado e quando isso ocorre, nem sempre o espectador está disposto ou interessado nessa abordagem.

Quando o espectador, ou até determinados artistas, não se dispõem para essas indagações usam das rotulações e definições como meio de tentarem escapar ou não aceitar determinada obra. Como se a rotulação decidisse tudo que envolvesse a polêmica, nesses casos, o *é arte* seria um decreto que permitisse a obra acontecer e o *não é arte* fosse um mandado de proibição. Porém o conceito de arte é muito flexível e cada pessoa pode percebê-lo de forma singular, é a experiência artística do indivíduo que formará o modo como ele ver a arte e o que entende por arte; será como ele classificará determinada obra como Belas-artes, outras como Artes-uteis e até como Não-arte (DEWEY, 2010).

O artista não tem controle sobre como o espectador perceberá sua obra, pode este espectador ter contato durante toda sua vida com diversos modos de arte e não a perceber como artística. Além de que muitas obras e artísticas não buscam definições em seus trabalhos, mas buscam as sensações e questionamentos. A definição, muitas vezes, restringe o fazer artístico e a busca não é defini-la, mas criar uma interação do espectador ou/e do artista com o mundo em que vive por meio de uma experiência artística pela obra de arte.

Performances como *Corpos que não importam* do grupo mineiro *Toda Deseo*, que aborda questões relacionadas a identidade de gênero e orientação sexual, dando ênfase nas pessoas trans, visando a liberdade da participação desses sujeitos na vida social e cultural da cidade de Belo Horizonte por meio de atos de resistência, inclusão e de luta contra o preconceito, podem sofrer de uma indisposição do público perante o assunto abordado podendo ser associada a algo não interessante ou não artístico.

Isso ocorre devido a errada filosofia que o teatro é apenas uma forma de entretenimento e questões políticas, por exemplo, devem ser levantadas apenas por meio de protestos. Entretanto, entendemos que a arte é um meio político.

Quando a instauração “Corpo Livre” aborda os meios de repressão ao corpo impostos por uma sociedade, também deseja repensar sobre esse assunto para que possamos construir uma sociedade menos opressora. Observemos:

Nosso trabalho propõe uma discussão sobre o corpo do artista, o nu em cena, o direito de usar a pele como figurino, a liberdade em nossas criações e que um corpo em cena não seja motivo para indicativo de idade. Segundo nosso entendimento, o artista deve ter liberdade total para usar seu corpo nu apenas como obra artística (SALLES, 2013, p. 79).

O corpo do artista como obra de arte é entendido aqui quando o atuante, por exemplo, usa de seus recursos corporais para uma criação poética independentemente de estar nu ou não em cena, mas, estando nu, seu corpo é capaz de criar poéticas e diálogos com o meio em que está inserido. Dessa forma, é capaz de ressignificar até a sua própria pele usando-a como figurino: aquilo que reveste meus músculos é minha vestimenta primordial, bela, poética e artística.

O público quando se percebe perante espetáculos que provocam a ressignificação de ideias, muitas vezes, não aceitam essas indagações abordadas por se verem como agentes opressores delas, de si próprios e dos outros. Quando um corpo nu é visto em cena pode provocar um reflexo naquele indivíduo que assiste à apresentação, este irá ler a obra pelo seu histórico de vida e pode não aceitar aquilo que lhe é apresentado. Entende como ofensivo, como imoral, mas não se dispõe a entender qual é a razão da cena ou a questão que está sendo abordada.

A atriz Keila Campanelli comenta sobre o processo administrativo que a instauração sofreu e como isso repercutia nas pessoas. “As pessoas não queriam discutir, saber o motivo daquilo, o que ali estava em jogo. Não, o que havia ali era um pensamento raso, superficial, guiado por uma moral imposta, não havia pensamento crítico, havia uma repetição de opiniões generalizadas, sem espaço para o diálogo” (SILVA, 2017, p. 10).

Toda obra de arte busca algum tipo de diálogo com sua sociedade para com ela construir e rever significados sobre o assunto tratado, mas quando a sociedade não se abre para o diálogo resulta em um processo de opressão, no caso de “Corpo Livre” foi a instauração de um processo administrativo contra a criadora da obra.

O argumento usado foi que a nudez era desnecessária sendo ela classificada como um decoro do espaço e da ordem pública. A professora em pauta correu o risco de ser demitida da instituição e passou a sofrer intenso assédio moral e o grupo sofreu com os nichos conservadores da UFRN, mesmo depois de receber o resultado da comissão instaurada, sendo arquivado o processo; a saber:

A performance apresentada na data supra indicada (22 de março de 2013), em frente ao prédio do CCHLA, estava devidamente contextualizada como atividade artística, estando circunscrita a um espaço delimitado, sem prejudicar a livre

circulação dos passantes; [...] A performance tinha o devido respaldo acadêmico, pois é resultado de longos anos de pesquisa de uma professora do quadro efetivo da UFRN, fazendo parte de um projeto de Ações Integradas iniciado em 2011 e contemplado em Edital de Extensão, [...] A proposta conceitual e metodológica do grupo coordenado pela Profa. Nara Graça Salles, devidamente embasada em correntes teóricas e movimentos artísticos reconhecidos, justifica plenamente a utilização da nudez na performance “Corpo Livre”, como forma de expressão contemporânea, fazendo particular referência a aspectos rituais, sagrados e míticos (BRASIL, 2013, p. 1).

Como podemos perceber no documento, o grupo trabalha com a percepção do nu com um caráter ritualístico, como anteriormente apontado, realçamos então que a nudez na obra estava contextualizada. Esse documento termina com uma declaração referente a nudez da obra. Observemos:

A presente Comissão considera, portanto, que não houve nenhuma irregularidade na apresentação da performance ora analisada, que foi concebida e realizada segundo critérios e com objetivos estritamente acadêmicos e artísticos, respeitando a ordem e o decoro em espaço público. Buscar outros significados para a nudez incluída nessa performance, seria descaracterizar sua proposta, fazendo intervir um juízo moral despropositado e, principalmente, incompatível com o espírito de liberdade criadora que a Universidade deve favorecer e estimular notadamente no âmbito das produções artísticas de seus professores e alunos (BRASIL, 2013, p. 2).

Algo que nos chamou bastante a atenção nesse documento foi a seguinte frase: “buscar outros significados para a nudez incluída nessa performance, seria descaracterizar sua proposta, fazendo intervir um juízo moral despropositado”. Essa associação da nudez para com outros significados que estão fora daquilo que a obra propõe é um dos maiores problemas que encontramos quando discutimos sobre o corpo nu na arte. Para ampliar a discussão sobre este tema iremos dedicar no segundo capítulo um subitem que intitulamos de *a descontextualização do nu*, pelo qual, procuraremos aprofundar e analisar sobre como o nu é associado a outros significados retirando-o do contexto original da obra e como isso prejudica bastante os artistas e o meio artístico.

Todo o processo jurídico se deu origem no momento em que alguém entendeu os corpos nus em cena como um decoro da ordem e do espaço público. Todos os discursos de ódio perante a obra e os artistas dão origem na falta de entendimento daquilo que é apresentado em cena. Se pararmos um momento para pensarmos o quanto isso é frágil, o quanto podemos a qualquer momento sofrer com esses maus entendimentos ou o quanto podemos realizar isso perante outras pessoas ou obras. Cabe aos artistas, também, essa luta em evitar que suas obras ou demais tenham interpretações que repercutem em ofensas ou perseguições quanto a seu trabalho ou a sua pessoa.

Apesar de toda a perseguição contra o Cruor Arte Contemporânea, segundo Keila, houve um momento de solidariedade de outros grupos e pessoas ligadas a

várias áreas que se compadeceram com a situação. Assim,

Começou a surgir, vários grupos de teatro, dança, e outros setores, sensibilizados com a causa, começaram a enviar carta de apoio e foi surgindo um movimento bonito de apoio, de solidariedade, foi um momento que o grupo foi muito reprimido, algumas questões estavam sendo duras, e daí outras portas começaram a ser abertas, uma força começava a chegar com o apoio, a cada carta de apoio lida, o grupo mais se unia (SILVA, 2017, p. 10).

Essas pessoas entenderam qual a função da obra, qual o objetivo das cenas. O que ela queria levantar como proposta de diálogo. Esse apoio foi importante para que o grupo se mantivesse firme em suas convicções e na luta contra o processo administrativo.

O grupo entende e defende a ideia de que espaços públicos da universidade podem apresentar espetáculos com nudez com uma finalidade cultural de acordo com sua proposta de criação, isto faz com que o desnudamento apresentado não seja algo desnecessário ou algo criado para afrontar a ordem e moral pública. A nudez é entendida como exposição do corpo que interpela, o corpo que estar ali é o corpo que reclama que o sujeito se retome para si pela arte. É esse reencontro consigo mesmo que o fascismo tenta quebrar, pois quando ele acontece dar de volta as potências que o corpo carrega, isso não interessa ao sistema. Por isso, essa nudez se encontra tão castigada na atualidade.

O Cruor Arte Contemporânea ganhou o processo administrativo e o direito de realizar cenas com uma nudez poética dentro do ambiente acadêmico. A resolução do processo foi entendida que a nudez apresentada não era ofensiva ou um atentado a ordem e o decoro público, que o corpo em cena não era erotizado e sim artístico e poético.

Anudez de “Corpo Livre” foi compreendida como parte integrante da apresentação como uma poética e estética. Para Sousa (2011, p. 12) “Nas peças teatrais, a nudez é compreendida juridicamente como parte integrante do espetáculo, eximindo o agente da acusação de dolo. Logo, não é nudez que é condenada criminalmente, mas sim sua associação à sexualidade e sua intenção de dano a moral através desta”.

Compreendemos que muito do problema encontrado artisticamente na nudez é a sua associação com a sexualidade, apontado pelo Agamben (2014) como a primeira associação feita ao corpo nu derivada do entendimento e da educação social sobre o pecado original. Como se o corpo nu fosse forçado a ser sexual independente daquilo que fizesse em cena ou estivesse ali obrigatoriamente induzindo o espectador para o ato sexual. Muito dessa associação habita a mente do espectador que já codifica a cena por uma dessas perspectivas sem, muitas vezes, parar para entender o que está sendo apresentado.

Essa codificação automática da cena é resultado dos padrões sociais normalizadores e de como o corpo deve se portar, deve ser visto e ver outros. Essas

normais sociais perpassam o entendimento corpo e do comportamento humano, este que precisa ser revisto, colocado em discussão para possíveis ressignificações.

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **Nudez**. Trad. Davi Pessoa Carneiro. 1.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

BRASIL. Decreto n. 23077.018551/2013-64, de 21 de maio de 2013. **Dispõe sobre Processo de sindicância para investigar espetáculo artístico de dança com nudez no CCHLA**. Natal, RN, maio, 2013.

DEWEY, John. **Arte como Experiência**. Trad. Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2010. (Coleção Todas as Artes).

FREIRE, Alyson. **Nem toda nudez será castigada: Cruor e a polêmica do nu**. Artigo. Mar, 2013. Disponível em: <<http://www.cartapotiguar.com.br/2013/03/23/nem-toda-nudez-sera-castigada-cruor-e-a-polemica-do-nu/>>. Acessado em: 20/10/2017.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Ed. COSAC NAIFY, 2003.

SALLES, Nara. Integrando ensino, pesquisa e extensão: instaurações cênicas urbanas como processos de criação da encenação “Carmin”. In: Organizadoras, OLIVEIRA, Urânia Auxiliadora Santos Maia de; FIGUEIREDO, Valéria Maria Chaves de; OLIVEIRA, Felipe Henrique Monteiro [et al.]. **Processos de Criação em Teatro e Dança: construindo uma rede de saberes e múltiplos olhares**. Goiânia: FUNAPE; UFG/CIAR, 2013. pp. 75-96.

SILVA, Tiago Herculano da; SALLES, Nara. A instauração cênica “corpo livre”. In: **Anais do VI Seminário Nacional de Gênero e Práticas Culturais**. 6., 2017. João Pessoa. *Anais eletrônicos...* João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2017. ISSN 2447-5416. Disponível em: <[https://visngpc.files.wordpress.com/2018/01/tiago-herculano-nara-sales-gt5\\_.pdf](https://visngpc.files.wordpress.com/2018/01/tiago-herculano-nara-sales-gt5_.pdf)>. Acessado em: 01/03/2018.

SOUSA, Maria A. R. de. A nudez em cena: teatro oficina, o espelho mágico e o nu artístico. **Revista Habitus: revista eletrônica dos alunos de graduação em Ciências Sociais – IFCS/UFRJ**, Rio de Janeiro. v. 9, n. 1, agosto. 2011. pp. 7-23. Semestral. Disponível em: <<http://www.habitus.ifcs.ufrj.br>>. Acessado em: 10/05/2017.

## **SOBRE A ORGANIZADORA**

**Solange Aparecida de Souza Monteiro** - Mestre em Processos de Ensino, Gestão e Inovação pela Universidade de Araraquara - UNIARA (2018). Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1989). Possui Especialização em Metodologia do Ensino pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1992). Trabalha como pedagoga do Instituto Federal de São Paulo campus São Carlos (IFSP/ Câmpus Araraquara-SP). Participa dos núcleos: -Núcleo de Gêneros e Sexualidade do IFSP (NUGS); -Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE). Desenvolve sua pesquisa acadêmica na área de Educação, Sexualidade e em História e Cultura Africana, Afro-brasileira e Indígena e/ou Relações Étnico-raciais. Participa do grupo de pesquisa - GESTELD- Grupo de Estudos em Educação, Sexualidade, Tecnologias, Linguagens e Discursos. Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/5670805010201977>

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Aborto 16, 19, 174, 230, 231, 232, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 320, 337, 338  
Amor 75, 98, 140, 177, 182, 185, 187, 189, 190, 192, 193, 201, 202, 204, 277, 278, 280, 313, 314, 318, 323, 326, 329, 339, 353, 354, 359, 380, 384, 385, 388, 390  
Arte 48, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 65, 137, 144, 146, 175, 219, 220, 228, 229, 241, 279, 283, 284, 285, 286, 289, 290, 309, 353, 388, 390, 395, 399

### B

Boneca 152, 153, 156, 159, 258, 262, 263

### C

Capitalismo Falocêntrico 360, 362, 368

Comunicação 2, 8, 12, 18, 19, 24, 63, 73, 98, 112, 131, 146, 156, 245, 246, 247, 265, 269, 275, 283, 308, 310, 343, 347, 348, 358, 359, 360, 361, 362, 368, 369

Construção Social 71, 99, 254, 255, 320, 371

Corpo 9, 11, 14, 25, 45, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 56, 57, 58, 59, 61, 67, 68, 71, 76, 78, 82, 84, 92, 93, 94, 97, 107, 115, 116, 118, 138, 145, 155, 160, 167, 168, 174, 182, 203, 205, 207, 208, 209, 210, 211, 214, 215, 216, 217, 218, 228, 232, 233, 234, 241, 259, 264, 265, 266, 268, 270, 272, 274, 275, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 284, 285, 289, 293, 294, 295, 298, 301, 303, 307, 311, 313, 314, 315, 317, 318, 319, 320, 325, 327, 328, 329, 338, 348, 349, 350, 351, 352, 354, 356, 357, 358, 359, 361, 371, 373, 374, 387, 388, 389, 390, 391, 392, 393, 394, 395, 396, 397, 398, 399

### D

Diversidade Sexual 2, 22, 24, 174, 331, 332, 334, 335

### E

Educação 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 16, 22, 23, 24, 25, 26, 28, 35, 44, 58, 63, 77, 85, 88, 89, 93, 94, 95, 97, 98, 99, 100, 101, 110, 115, 118, 135, 136, 137, 138, 140, 144, 146, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 160, 161, 163, 165, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 193, 202, 218, 222, 226, 227, 228, 229, 238, 242, 243, 244, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 262, 264, 265, 269, 271, 279, 281, 282, 291, 292, 293, 294, 298, 302, 303, 304, 305, 309, 310, 315, 316, 318, 335, 336, 337, 338, 339, 340, 341, 342, 343, 344, 345, 346, 347, 358, 370, 388, 391, 394, 398  
Enfermagem 70, 73, 74, 75, 76, 77, 80, 81, 82, 83, 84, 97, 101, 192, 198, 217, 218, 309, 310  
Escola 2, 4, 9, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 22, 23, 24, 32, 33, 34, 51, 70, 81, 109, 136, 140, 145, 146, 147, 151, 154, 160, 161, 171, 172, 173, 175, 176, 177, 178, 201, 223, 249, 250, 252, 253, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 264, 272, 281, 282, 290, 291, 292, 293, 294, 297, 298, 299, 301, 302, 304, 305, 306, 309, 310, 318, 324, 339, 341, 345, 347, 388  
Ética 7, 10, 75, 81, 83, 84, 102, 199, 205, 218, 240, 272, 310, 313, 330, 337, 338, 341, 362, 382, 396

## F

Feminilidade 72, 78, 107, 112, 114, 115, 116, 144, 206, 208, 210, 212, 214, 216, 218, 252, 254, 255, 311, 317, 364, 366

Feminino 20, 24, 38, 40, 41, 45, 46, 62, 63, 64, 65, 66, 71, 72, 78, 79, 89, 99, 100, 104, 105, 115, 116, 117, 120, 121, 125, 126, 127, 129, 130, 133, 144, 149, 162, 170, 182, 188, 189, 191, 193, 195, 207, 208, 210, 215, 218, 221, 223, 225, 232, 233, 234, 237, 240, 241, 243, 245, 250, 253, 254, 255, 259, 267, 277, 279, 284, 285, 286, 288, 289, 292, 299, 311, 313, 314, 317, 318, 319, 320, 322, 325, 328, 331, 332, 334, 335, 360, 361, 362, 363, 364, 365, 366, 367, 368, 369, 374, 378, 379, 381, 383, 385, 387, 388, 389, 390, 393, 396, 397, 398

Feminismo 37, 38, 39, 40, 43, 44, 45, 46, 47, 83, 117, 118, 134, 136, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 146, 150, 165, 167, 170, 179, 184, 221, 222, 224, 225, 228, 323, 330, 366, 367

Formação docente 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8, 9, 23, 135, 136, 139, 144, 145, 147, 148, 254, 256, 257, 258, 259, 260

## G

Gênero 11, 12, 15, 16, 17, 20, 22, 24, 25, 37, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 45, 46, 47, 55, 59, 60, 62, 67, 68, 70, 71, 72, 73, 74, 77, 78, 80, 81, 82, 83, 85, 89, 93, 97, 98, 99, 101, 104, 107, 108, 109, 110, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 127, 129, 130, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 146, 149, 150, 151, 152, 153, 155, 159, 160, 171, 172, 173, 174, 176, 177, 178, 179, 181, 185, 187, 188, 189, 191, 192, 193, 194, 195, 200, 205, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 226, 227, 228, 231, 232, 235, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 272, 283, 284, 285, 286, 287, 289, 290, 292, 295, 299, 305, 307, 311, 316, 320, 322, 328, 329, 330, 331, 332, 334, 335, 340, 341, 342, 343, 347, 350, 361, 362, 364, 366, 367, 368, 370, 371, 373, 374, 375, 376, 377, 383, 384, 387, 388, 389, 397, 399

## H

História da Educação 12

HIV 84, 100, 101, 198, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 304, 305, 306, 307, 308, 309, 310, 334, 335, 336, 340

Homofobia 143, 174, 228

Humanização em Saúde 70

## I

Identidade de gênero 55, 70, 71, 74, 77, 80, 81, 172, 221

Infância 4, 27, 31, 32, 33, 108, 109, 152, 153, 154, 155, 157, 159, 160, 161, 192, 203, 205, 249, 255, 256, 272, 273, 274, 281, 282, 324, 326, 332, 392

IST 96, 98, 99, 100, 101, 291, 293, 294, 295, 303, 305, 334, 335

## J

Juventude 67, 226, 295, 296, 331, 335, 349, 350, 351, 352, 358

## **L**

Ludicidade 152

## **M**

Masculinidade 90, 96, 99, 100, 101, 107, 114, 117, 144, 152, 250, 252, 254

Masculino 20, 36, 41, 63, 66, 68, 71, 89, 91, 96, 97, 99, 100, 101, 103, 104, 107, 109, 110, 114, 117, 128, 129, 130, 142, 143, 151, 152, 153, 159, 160, 162, 167, 169, 188, 189, 192, 193, 199, 223, 243, 250, 253, 254, 255, 259, 277, 279, 285, 288, 292, 299, 300, 318, 319, 322, 323, 328, 349, 360, 361, 362, 363, 364, 365, 366, 367, 378, 380, 382, 383, 387, 388, 389, 390, 392, 396, 397

Mulher 20, 30, 31, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 66, 67, 68, 72, 78, 79, 84, 91, 94, 96, 99, 110, 112, 115, 116, 117, 119, 127, 132, 134, 138, 140, 141, 142, 143, 144, 148, 155, 162, 163, 167, 168, 169, 170, 174, 178, 180, 181, 182, 185, 186, 187, 188, 189, 191, 192, 193, 206, 207, 208, 210, 211, 214, 215, 216, 217, 218, 223, 224, 225, 227, 228, 230, 232, 233, 235, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 253, 257, 263, 267, 278, 283, 284, 285, 286, 287, 288, 289, 290, 307, 311, 312, 313, 314, 315, 316, 317, 318, 319, 320, 324, 325, 326, 335, 348, 349, 356, 358, 361, 362, 363, 364, 365, 366, 367, 368, 370, 371, 373, 374, 376, 377, 378, 379, 380, 381, 382, 383, 384, 385, 386, 390, 391, 392, 393, 396, 397, 398

Mulheres Negras 37, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 45, 46, 47, 137, 138, 139, 140, 143, 147, 150, 151, 179, 180, 182, 183, 309, 314

## **N**

Nudez 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 56, 57, 58, 59

## **P**

Pedagogia 3, 4, 12, 23, 24, 25, 161, 171, 175, 177, 242, 248, 249, 251, 252, 253, 254, 256, 257, 258, 259, 264, 265, 281, 282, 376

Pessoa travesti 70, 77

Poder 11, 18, 26, 27, 28, 32, 35, 40, 43, 45, 46, 47, 49, 61, 63, 68, 82, 100, 110, 114, 117, 124, 126, 128, 129, 132, 142, 143, 144, 150, 155, 161, 174, 176, 181, 182, 188, 189, 190, 191, 192, 227, 230, 232, 233, 235, 239, 240, 255, 264, 266, 268, 269, 270, 284, 285, 287, 290, 311, 312, 314, 316, 318, 319, 320, 323, 328, 329, 350, 354, 365, 366, 370, 371, 373, 374, 376, 377, 378, 379, 380, 381, 383, 384, 385, 387, 395

Psicologia 14, 25, 46, 84, 97, 161, 179, 182, 192, 205, 216, 217, 218, 226, 230, 282, 309, 310, 320, 347, 387, 389, 392, 399

## **R**

Racismo 37, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 46, 135, 136, 137, 146, 151, 178, 342, 343

## **S**

Sexismo 37, 40, 41, 160, 178, 223

Sexo 1, 38, 40, 41, 61, 66, 68, 77, 83, 84, 91, 98, 101, 103, 104, 105, 108, 110, 118,

129, 130, 134, 143, 160, 164, 165, 167, 168, 169, 174, 185, 189, 223, 237, 240, 241, 250, 253, 257, 258, 259, 261, 262, 263, 272, 273, 277, 279, 287, 292, 293, 294, 299, 300, 304, 305, 306, 307, 308, 313, 315, 317, 318, 319, 320, 322, 329, 336, 342, 354, 357, 358, 361, 363, 364, 365, 366, 367, 369, 378, 379, 380, 382, 385, 388, 392, 393  
Sexualidade 1, 2, 7, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 21, 22, 23, 24, 25, 50, 58, 71, 73, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 141, 143, 144, 153, 155, 157, 160, 162, 163, 165, 167, 168, 169, 170, 171, 173, 174, 177, 208, 210, 218, 223, 225, 228, 232, 233, 249, 251, 259, 261, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 277, 279, 280, 281, 282, 291, 292, 293, 294, 298, 302, 303, 304, 307, 309, 310, 311, 314, 317, 318, 319, 320, 322, 324, 325, 328, 329, 330, 337, 338, 339, 340, 341, 344, 347, 348, 349, 350, 354, 356, 357, 358, 359, 360, 361, 362, 366, 368, 384, 393, 399

Subjetividade Lésbica 322, 325

## V

Velhice 84, 316, 348, 349, 351, 352, 354, 356, 357, 358, 359

Violência 9, 11, 21, 29, 37, 40, 60, 61, 63, 64, 65, 68, 70, 79, 80, 84, 89, 93, 132, 134, 163, 167, 168, 176, 177, 183, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 192, 193, 223, 226, 228, 230, 232, 237, 239, 240, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 282, 283, 284, 287, 289, 290, 302, 314, 319, 320, 322, 323, 325, 330, 335, 342, 343, 345, 368, 371, 374, 375, 376, 377, 382, 384, 391

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-609-6

